

Teatro

de muitos palcos

Arte Dramática
Estudantes e
professores do
DAD alcançam
reconhecimento
por produções que
extrapolam os muros
da Universidade

TEXTO
EVERTON CARDOSO

FOTOS
FLÁVIO DUTRA

Para o Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da UFRGS, 2012 foi definitivamente um ano ímpar. Mais conhecido por sua sigla que propriamente pelo seu nome, o DAD conquistou quatro dos mais importantes galardões destinados às artes cênicas em Porto Alegre: *O feio* recebeu o Prêmio Açorianos de Melhor Espetáculo Adulto; *A serpentina ou meu amigo Nelson*, o Prêmio Mais Teatro Revelação; e ambos foram reconhecidos pelo júri popular, cabendo-lhes, por isso, o Troféu RBS Mais Cultura. Essas produções surgiram de experiências pedagógicas realizadas em disciplinas do departamento com vistas à formação de atores, diretores e professores de teatro em nível de graduação. Fruto de uma movimentação que teve início na segunda metade da década passada, esse reconhecimento traz à luz os resultados alcançados por montagens de espetáculos que envolvem graduandos e que, muitas vezes, nascem de projetos de pesquisa desenvolvidos pelos docentes. Representam, pois, a convergência esperada do espaço universitário: ensino, pesquisa e extensão – respectivamente, formação de profissionais, produção de conhecimento e eventos que extrapolam as fronteiras acadêmicas e fazem circular o que se produz dentro da UFRGS.

Com uma história que remonta aos tempos em que a Faculdade de Filosofia era um guarda-chuva que abrigava cursos de diversas áreas de conhecimento, o DAD – iniciado apenas como curso vinculado a essa unidade universitária e, mais tarde, centro e departamento do Instituto de Artes – tem uma tradição de montagens de espetáculos teatrais com impacto nas artes dramáticas locais. Em entrevista concedida à revista *Cena*, em abril de 2000, o então professor do departamento Sergio Roberto Silva relata que o curso surgira por iniciativa de um grupo de jovens atores porto-alegrenses que sentiram a necessidade de aprofundar sua formação. A criação do curso de Estudos Teatrais foi, na avaliação de Cláudio Heemann em depoimento para a mesma publicação, tributária da “exitosa” produção teatral da cidade nas duas décadas anteriores. Sob a perspectiva de Silva, no entanto, o teatro que surgira dentro da jovem escola era “acanhado”. Somente com a vinda do diretor Luiz Paulo Vasconcellos, em 1969, para coordenar a montagem de *A ópera dos três vinténs*, é que esses espetáculos começaram a ganhar luz e, por sua melhor qualidade, atrair mais olhares. A ambição do profissional do teatro que se tornaria docente não foi pouca: todos os 28 alunos então matriculados foram levados à cena, e a peça entrou para a memória do teatro da cidade.

No final dos anos 1970, o departamento ganhara corpo: os alunos já somavam mais de uma centena e as produções tiveram seu auge. Um novo impulso nas montagens que envolvessem estudantes se deu na comemoração do cinquentenário do DAD, em 2007. O marco foi a encenação do espetáculo *Yvonne, princesa da Borgonha*, coordenada pelo diretor teatral e então professor da UFRGS Irion Nolasco. Novamente a ousadia pautou o trabalho de um docente: “Era uma peça longa, o que achei interessante. Os alunos geralmente têm experiências com montagens mais curtas, e essa era uma oportunidade de experimentarem quase quatro horas de espetáculo”. “O melhor do teatro”, ensina Irion, “é fazê-lo. Só teorizar não basta. Teatro é para ver, para fazer, para ter a sensação de ir criando algo”. Segundo o diretor, não há nada como a sensação de iniciar-se do nada e, aos poucos, ir dando corpo a uma produção. Daniel Fraga participou da montagem de *Yvonne* enquanto era estudante do Bacharelado em Direção Teatral, curso em que hoje é professor substituto. Na memória dele, a forma colaborativa como o trabalho foi desenvolvido é que foi marcante, pois valorizava o trabalho dos atores. Isso porque Irion montou as cenas a partir de improvisações criadas pelos próprios estudantes. “Foi excelente para nós alunos, pois nos deu uma experiência profissional”, avalia.

A peça desencadeou uma retomada significativa de produções de maior duração e fôlego, e que exigiam de professores e alunos mais envolvimento e dedicação. O Departamento de Arte Dramática, então, começou a oferecer ao público da cidade espetáculos que, para além dos limites da Universidade, contribuem para a renovação da produção teatral em Porto Alegre. Assim foi com a formação do Grupo Cerco, decorrente de suas duas montagens inspiradas na obra de Erico Verissimo – *O sobrado* e *Incidente em Antares*. Da mesma forma, as montagens de *A bilha quebrada*, *Tocaia* e *Natalício Cavallo* repercutiram para além do ambiente acadêmico. Consistem em espetáculos que, mais que peças, são experimentos de professores-pesquisadores. Estabelecem, assim, um processo de retroalimentação em que a pesquisa e a reflexão retornam à prática como forma de levar a linguagem do palco por caminhos ainda por deslindar.





Pesquis

Depois de repassadas algumas das cenas do espetáculo *O sobrado* em que houvera imperfeições na reestrea da noite anterior, 6 de junho, o elenco do Grupo Cerco aos poucos acode ao palco do teatro de Câmara Túlio Piva para iniciar o processo de aquecimento. Porém, quem coordena o trabalho não é a diretora Inês Marocco, mas a atriz Martina Frölich, que interpreta a personagem Alice na peça. Ela sugere um jogo de aquecimento que, aos poucos vai fazendo com que todos caminhem no mesmo ritmo, ora mais lento, ora mais rápido. “Agora, cada um dá seu texto”, ordena. Em uma fração de segundo, a sensação que se tem é de que não mais os atores estão ali, mas Florêncio, Licurgo, Maria Valéria, Torfíbio, Bibiana e todos os demais personagens que, em poucos minutos construirão a história do cerco ao sobrado dos Cambará na imaginária Vila de Santa Fé durante a Revolução Federalista, em 1895. “Eles já são completamente autônomos”, analisa Inês Marocco a respeito do elenco de estudantes que ajudou a moldar para que, depois de graduados, empreendam carreiras profissionais.

Projeto coletivo – “Sempre tenho a preocupação com a profissionalização”, enfatiza a professora. Por isso, para ela, a proposta de armar uma produção que saísse do contexto universitário era uma forma de abrir-lhes portas no mundo do teatro. Ao lembrar o processo de um ano por que passaram, em 2008, durante a preparação de *O sobrado*, Inês diz que a possibilidade de debruçar-se durante dez meses sobre um único espetáculo foi o maior privilégio e, provavelmente, o segredo do sucesso de crítica e público. “Não tinha objetivo comercial”, enfatiza, “mas formativo. Como não havia um produtor cobrando, trabalhamos sem limitação de tempo. Isso nos permitiu errar, deixar acontecer – em resumo, criar.” Criação, pois, para o Grupo Cerco é, desde então, sinônimo de um processo longo: “Todos entenderam que o que é fácil não é legal, que o bom é difícil”.

Engana-se, porém, quem acredita que o trabalho estava centrado na figura da diretora. “Hoje se fala muito em trabalho colaborativo. É coletivo, mas com diretor. Trabalho com o grupo todo”, diz. Inês Marocco, aliás, enfatiza muito o fato de, além de dirigir, ter em mente sempre o seu papel como educadora e formadora de novos profissionais. “O processo é tão importante quanto o resultado. A minha preocupação é pedagógica”, aclara. Para a professora, essa experiência equivale a um grande laboratório em que os estudantes se deparam com tudo o que, mais tarde, será a vida como profissionais do teatro. Rodrigo Fiatt, que na época da primeira montagem da peça era estudante do Bacharelado em Teatro, com habilitação em Interpretação, julga que essa oportunidade de trabalhar em grupo foi uma experiência única. “Isso faz toda a diferença na formação de um ator. Vemos muito em Porto Alegre espetáculos de elencos que estreiam e não duram mais do que uma ou duas temporadas”, analisa sobre a despreocupação dos artistas em constituir um repertório profissional. “Um grupo”, segue, “tem esse privilégio e a possibilidade de aprofundar o seu trabalho e desenvolver uma pesquisa de linguagem.” Na opinião do ator e professor do Departamento de Arte Dramática da UFRGS Clóvis Massa, é exatamente nesse processo de emancipação dos atores que está o grande mérito da pretensão pedagógica embutida na formação do Grupo Cerco. “Eles levam muito à frente a relação de

trabalho e são responsáveis pela criação das coisas”, analisa.

Trabalho duro – A adaptação da obra literária para os palcos teve início com a leitura por todo o grupo dos dois volumes de *O continente* – os dois primeiros do épico *O tempo e o vento*, de Erico Veríssimo. Na estrutura da obra, a história do cerco ao sobrado é contada ao longo de sete capítulos, que vão sendo intercalados com outras histórias como *Ana Terra* e *Um certo capitão Rodrigo*, estas certamente as duas mais notórias. Depois, por meio da técnica conhecida como ‘máscara neutra’, Inês realizou com os atores um processo que ela chama de “limpeza corporal”, de eliminação de gestos repetidos inconscientemente pelos atores. De acordo com esse método de trabalho artístico, os participantes usam uma máscara que lhes cobre o rosto e anula o uso da face como elemento de composição da expressividade dos personagens. “Assim, conseguimos suprimir todos os vícios corporais dos artistas”, aclara para enfatizar o quanto ganham em expressividade corporal. “O corpo do ator tem de se expandir, tem que ser maior que o corpo que ele usa no cotidiano”, sintetiza.

Pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFRGS, Inês Marocco tem desenvolvido um trabalho que, a partir da gestualidade espontânea do campesino sul-rio-grandense propõe um método de treinamento do ator com vistas a uma linguagem corporal expressiva. Assim, quem vê *O sobrado* identifica elementos que remetem à forma de ser do homem sulino que vão muito além do desgastado sotaque carregado, normalmente atribuído a personagens gaúchos – recurso praticamente ausente na atuação do elenco. “Técnicas como laçar, pealar e tosquiarem serviram de base para a criação de um sistema de treinamento para o trabalho do ator. É como uma ginástica, que desenvolve a presença física e aciona o imaginário por meio do trabalho corporal. Isso deu muita densidade dramática”, explica a diretora sobre o método que desenvolveu sob a perspectiva da etnocologia.

Na avaliação do jornalista Renato Mendonça, mestrando no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFRGS e professor da Escola de Espectadores de Porto Alegre, o marcante na montagem do Grupo Cerco é a recuperação de um estilo mais tradicional de narrativa, apreciado pelo público. Além disso, ele destaca as soluções cênicas encontradas para contar episódios do épico de Erico Veríssimo. Para a diretora Inês Marocco, a preocupação durante a montagem do espetáculo foi sintetizar as situações de forma esteticamente interessante. “Há várias surpresas para manter o espectador muito ligado. Para isso, procuramos fazer com que haja muitas peripécias”, conta. De acordo com o coordenador de artes cênicas da Secretaria da Cultura de Porto Alegre, Breno Saul, a montagem trouxe o DAD de volta a uma posição protagonista na cena teatral da cidade. Prova disso foram as sessões lotadas do espetáculo em todas as suas apresentações; a indicação para o Prêmio Açorianos de Teatro em 11 categorias – sendo que venceu em três delas; os prêmios Braskem em Cena, tanto pelo júri oficial quanto pelo popular; e o Troféu RBS Cultura na categoria de melhor espetáculo. Além disso, três anos depois, em 2012, o grupo estreou uma nova adaptação da obra de Erico Veríssimo, *Incidente em Antares*, também com sucesso de público e crítica.

sa levada à cena

Se 2007 foi marcado por uma nova montagem de fôlego no DAD – *Yvonne, a princesa de Borgonha* – e 2009 pela formação de um grupo teatral a partir da experiência de atores-estudantes, 2011 foi o momento em que essa produção que extrapola o contexto universitário ganhou ainda mais visibilidade. Também outros dois resultados de pesquisas de docentes do departamento deram origem a montagens de repercussão na cidade. Com o espetáculo *A bilha quebrada*, o professor e pesquisador Clóvis Massa levou a público o conhecimento acumulado em seus projetos de investigação relacionados ao gênero cômico. O bacharel em interpretação teatral pela UFRGS e ator desde 1991 dedicou-se a refletir sobre a diferença entre duas formas desse tipo de obra: “A farsa é um subgênero da comédia. Ela tem por característica provocar a graça por meio de algo que não seja discursivo, mas pelo jogo do ator”, explica sobre a forma de peça em que a comicidade não está no jogo de palavras, mas nas situações cênicas. “Ela lida com as características mais abjetas do ser humano. Representa seres piores do que nós”, aclara. Como queria ver o resultado dessa pesquisa posto em prática, Clóvis procurou um texto dramaturgicamente que lhe possibilitasse desenvolver algo em conjunto com um grupo.

O professor, então, selecionou oito atores – destes apenas três sem passagem pelo DAD – e começou o processo de aplicação do que resultara de sua pesquisa. “Procurei instituir a atmosfera de tribunal, em que o espectador se sente como audiência de uma corte. Os personagens se dirigem à plateia”, conta. Conforme o idealizador da montagem, a intenção era fazer com que existisse uma relação de coexistência de diferentes traços característicos por meio de personagens que fossem figuras estranhas e complexas, criadas em conjunto com o elenco. “Na farsa”, complementa, “normalmente os tipos sociais que fazem a graça são previamente estabelecidos, são tipificados.” Em seu espetáculo, ele procurou fugir dessas fórmulas e trazer características desses limites.

Conhecimento no palco – No mesmo ano em que fora montada *A bilha quebrada*, estreou também *Tocaia*, sob a direção de Xico de Assis – nome pelo qual é conhecido no meio teatral o professor e atual chefe do Departamento de Arte Dramática Francisco de Assis de Almeida Júnior. Segundo o docente, também ator principal do espetáculo, a montagem surgiu no grupo de pesquisa que ele coordena e no qual se estuda a espetacularidade na cultura brasileira e a descentralização cultural. “Tenho um projeto de extensão da UFRGS que leva peças para escolas públicas da periferia”, conta. Por meio deste, foram realizadas 15 apresentações da montagem de teatro de rua que está baseada na cultura popular brasileira, sobretudo na linguagem da literatura de cordel. Por onde levaram o espetáculo, Xico e seu elenco – mais dois atores com passagem pelo DAD – realizavam, após a apresentação, uma conversa com o público e recomendavam aos professores que desenvolvessem atividades com os alunos em aula. A partir do material coletado, foram, aos poucos, retrabalhando *Tocaia*. Para o ator e diretor, o mais enriquecedor desse tipo de experiência é que, ao

sair das salas de espetáculo e circular por áreas da cidade em que as pessoas pouco têm acesso ao teatro, é preciso negociar com os espectadores, adaptar-se a eles, de algum forma. “Nós somos os estrangeiros”, resume sobre o que considera a dimensão política e social da descentralização cultural na produção cênica.

Também a peça *Natalício Cavalo* é fruto da pesquisa acadêmica desenvolvida pela professora do DAD e diretora teatral Patrícia Fagundes durante seu processo de doutoramento. Estreado em março deste ano, o espetáculo é o segundo dentro da *Trilogia festiva*, que começou em 2010 com *Clube do fracasso*. “A ideia está vinculada à minha tese, à ética da festividade na criação cênica. Prevê linguagem e poética relacionadas a esse conceito de festividade”, diz. Patrícia esclarece, porém, que a noção de festividade de que parte está ligada à poética, a uma metodologia de trabalho e linguagem. Não é uma tentativa de evasão. “A festa é uma forma de negociar com a morte; e o prazer uma estratégia de resistência na sociedade em que vivemos”, completa. No caso do trabalho da professora, o projeto – ainda que com relações estreitas com a academia – é parte do repertório de um grupo encabeçado por ela: a Cia. Rústica de Teatro, formada em conjunto com mais quatro atores. “Hoje o artista precisa ser empreendedor também. Ele assume uma autoria sobre o trabalho que inclui executar tarefas, para não depender de alguém que não apareça”, ensina sobre a condição do profissional de teatro. Da experiência de seu projeto, então, vem a grande lição: “Fazer teatro é criar em conjunto e com sustentabilidade, ou seja, profissionalizar”.

Da aula para o mundo – Na confluência dos três eixos sobre os quais deve estar apoiada a atuação de uma universidade, o ensino é, em geral, aquele que tem maior visibilidade na sociedade. Isso porque, a partir dos profissionais formados pelas instituições de ensino superior é que se tem uma objetivação do avanço do conhecimento. No caso do teatro, isso não é diferente. Se nas origens do Departamento de Arte Dramática – então, apenas um curso – estava a intenção de melhorar a produção da cidade a partir da qualificação de atores e diretores, algumas das produções recentes – e o reconhecimento recebido por elas – atestam o quanto esse objetivo parece estar sendo alcançado. Exemplo disso é o espetáculo *O feio*, dirigido pela estudante do Bacharelado em Direção Teatral Mirah Laline.

A montagem é decorrente de um processo desenvolvido por Mirah ao lado de dois colegas-atores – estes, porém, da ênfase em Atuação do Bacharelado em Arte Dramática – iniciado na disciplina Ateliê 1, em que alunos de ambas as ênfases unem-se para criar espetáculos. “Por acaso, no primeiro semestre de 2011, havia poucos estudantes matriculados na disciplina, então tive de escolher uma peça com poucos atores. Como já conhecia Rossendo Rodrigues e Paulo Roberto Farias, conversamos para trabalharmos juntos”, relembra. Assim surgiu *O feio in process*, uma versão parcial e preliminar da peça que, em 2012, seria concluída. Quando estreou em salas de teatro fora da Universidade, a montagem dirigida por Mirah trazia consigo referências da arte pop

construtivista, remetia à tecnologia e à ciência e, ainda, estabelecia um diálogo próximo com personagens do mundo midiático tão diversos – e, ao mesmo tempo tão próximos – quanto os desenhos animados Johny Bravo e Lula Molusco (do seriado *Bob Esponja Calça Quadrada*), o cirurgião plástico Doutor Hollywood e o empresário Roberto Justus.

Dentre os aspectos que considera mais marcantes da montagem, Mirah destaca o ritmo frenético, o tempo rápido da ação. “Isso potencializa o estado de jogo dos personagens”, justifica. Além disso, ela aponta o fato de o vídeo ter sido usado não como cenário do espetáculo, mas como elemento integrante das cenas. Isso acontece, por exemplo, no momento em que o personagem principal passa por uma cirurgia plástica na peça: o vídeo mostra imagens de operações reais. “A intenção é causar estranhamento para que o público reflita sobre o que vê na peça e, então, participe do questionamento em relação ao que está acontecendo”, esmiúça. Essa inovação foi, na opinião da jurada do prêmio Açorianos 2012 Adriane Azevedo, o grande mérito do espetáculo. “É preciso pensar que as pessoas querem ver coisas novas e que precisamos movimentar o teatro. Dentro do DAD surgem essas propostas diferentes”, analisa. O reconhecimento à qualidade do trabalho desenvolvido a partir das experiências de aula dos estudantes do DAD veio principalmente com as nove indicações e dois prêmios no Açorianos de Teatro em 2012 – Melhor Espetáculo Adulto e Melhor Ator Coadjuvante para Paulo Roberto Farias. Isso sem contar o Troféu RBS, em eleição pelo júri popular. O surpreendente é que, apesar de ser uma produção estudantil, o espetáculo foi incluído na categoria principal, pois fizera temporada também no circuito profissional da cidade, na Sala Álvaro Moreyra do Centro Municipal de Cultura. Foi desse conjunto de nove apresentações – então com a peça plenamente estruturada – que decorreu o reconhecimento.

Qualidade na rua – Premiado tanto pelo júri popular quanto pelo júri oficial em categorias destinadas a novos talentos foi o espetáculo de rua *A serpentina ou meu amigo Nelson*, dirigido pela mestrandia em Artes Cênicas pela UFRGS e bacharel em direção teatral Evelise Mendes. Resultado dos trabalhos gestados nas disciplinas iniciais de Estágio de Montagem e Estágio de Atuação, a peça reúne dois desejos do coletivo que, depois, constituiu o Grupo Pindaibanos: fazer teatro de rua; e montar uma peça do dramaturgo Nelson Rodrigues de uma forma diferente da que se está acostumado a fazê-lo, da maneira como normalmente se vê na televisão, por exemplo. Já fora da UFRGS, a peça foi encenada no pátio que fica à frente do Teatro de Câmara Túlio Piva. “Propus de fazermos do lado de fora e de chamarmos o público que estivesse andando pela Rua da República, no bairro Cidade Baixa. “As pessoas se divertiram muito”, relembra Evelise. Em relação aos prêmios recebidos, a diretora diz terem sido muito gratificantes. “É claro que eu e meus colegas de grupo não nos iludimos, pensando que tudo agora vai ser maravilhoso. Mas nos deu muita força para continuar com o trabalho. Tínhamos desejo de seguir, e o prêmio só corroborou”, enfatiza.

Nas páginas desta edição do Caderno JU, imagens dos bastidores e do palco na apresentação do espetáculo *O sobrado*. A temporada no Teatro de Câmara Túlio Piva, no mês de junho, foi comemorativa aos cinco anos de formação do Grupo Cerco. A montagem é resultado de um processo coletivo de criação coordenado pela professora e pesquisadora do DAD/UFRGS Inês Marocco, que recebeu o Prêmio Açorianos na categoria melhor direção.

FLÁVIO DUTRA/JU

Em cena de *O sobrado*, os atores Rodrigo Fiatt e Isandria Fermiano, ambos indicados ao Prêmio Açorianos de 2009 por suas atuações no espetáculo



Novas plateias

Apresentações de espetáculos na capital e no interior dão *experiência* a estudantes e *atraem público* para o teatro

A circulação está, como em todo tipo de produção artística, na essência do teatro. O que seria de uma peça sem público? A partir dessa necessidade de ter retorno de plateias para os trabalhos desenvolvidos pelos alunos do Departamento de Arte Dramática é que algumas iniciativas acabam sendo fundamentais para que o ciclo da produção cênica se complete. Entre essas, está o Teatro, Pesquisa e Extensão (TPE). O projeto consiste em uma sequência de espetáculos em temporadas mensais na Sala Alziro Azevedo, dentro do próprio DAD, para espetáculos que tenham, necessariamente, surgido como iniciativas de disciplinas dos cursos de Teatro e que tenham sido apresentadas nos últimos dois anos. Com uma sessão às 12h30 e outra às 19h30 todas as quartas-feiras, a iniciativa possibilita, para os atores, produtores e diretores proponentes dos trabalhos, uma vivência próxima da realidade do ator profissional. Para o público, é uma oportunidade de ter contato com produções experimentais sem ter de pagar por isso. É, portanto, formação de profissionais de teatro e, também, de público.

Teatro em crescimento – De acordo com o professor de História e Teoria do Teatro Clóvis Massa, nos anos 1970, o teatro que se produzia nos cursos da Universidade era muito importante para a cidade. Isso, diz ele, é unânime nos relatos de quem acompanhou a cena artística do período. “Só que a cidade aumentou de tamanho, riqueza e complexi-

dade”, pondera. Tanto é que a capital hoje tem eventos importantes na área, como é o caso do *Porto Alegre em Cena*, que neste ano terá sua vigésima edição. Nesse contexto mais amplo do que existia há quatro décadas, Clóvis destaca o papel exercido por iniciativas que estimulem a nova produção em artes cênicas. “Uma das mais interessantes é o TPE, pois é regular. De alguma forma, determinados grupos se organizam e conseguem transpor os muros da Universidade”, comemora.

De acordo com o membro da comissão executiva do projeto Luis Fabiano de Oliveira, desde a origem da iniciativa, em 2003, até o final de 2012, foram encenados 62 espetáculos. Até o final de 2013 serão 69. Em sua décima edição, no ano passado, o TPE atraiu 2.368 espectadores, público inferior ao dos anos anteriores em razão do fechamento temporário da Sala Alziro Azevedo para reformas. O estudante de Direção Teatral na UFRGS prevê, devido à reabertura da sala e à normalização das atividades no espaço do DAD, um aumento do público. Para se ter uma ideia, basta citar que, na edição de 2013, o público médio tem sido de 47 espectadores por apresentação – a capacidade da sala é de 61 lugares. Considerando essa retrospecto e que até o final do ano serão realizadas 60 sessões, é possível estimar um total de cerca de 2.800 pessoas, o que já representaria um incremento em relação à edição anterior. Na avaliação de Luis Fabiano, o projeto não oferece benefícios somente àqueles envolvidos com as produções. Ainda que estes tenham uma experiência

semelhante a de uma temporada profissional, os estudantes que se engajam na produção também têm sua parcela de aprendizado: “É uma oportunidade ímpar de passar por todas as etapas de produção de uma mostra de teatro”.

Pelo interior do RS – A premiada peça *O feio*, ainda quando em sua versão preliminar e em processo de estruturação foi apresentada no projeto TPE em maio do ano passado. É, pois, um exemplo do quanto as produções oriundas de atividades pedagógicas podem ganhar alcance para além do contexto universitário: depois de concluído, saiu em turnê pelo interior do Rio Grande do Sul em agosto de 2012. Essa viagem por quatro cidades gaúchas – Passo Fundo, Santa Maria, Pelotas e Montenegro – foi parte do Circuito Universitário, realizado pelo DAD em conjunto com o Serviço Social do Comércio (SESC-RS). De acordo com o assistente de produção do projeto, Vinícius Mello, cada uma das apresentações levadas ao circuito no ano passado teve um público médio de 60 espectadores e representou uma oportunidade para os estudantes não abandonarem os trabalhos que gestaram em sala de aula. “Levar os espetáculos a outras cidades é maravilhoso para se ganhar maturidade e para que nós – atores, diretores e equipes técnicas – sejamos conhecidos por bons trabalhos”, avalia sobre o que considera uma possibilidade de observar o trabalho fora do contexto acadêmico.

Podem inscrever-se para participar do circuito, produções que tenham sido originadas nas disciplinas oferecidas a partir do quinto semestre no curso de Teatro. Depois de selecionados os quatro espetáculos participantes, os estudantes passam a negociar o processo de produção diretamente com o SESC-RS. Na avaliação da coordenadora do projeto e professora do DAD/UFRGS Patrícia Fagundes, essa é uma forma de os estudantes experimentarem como será a rotina de um profissional de artes cênicas. “É uma experiência de produção, afinal, é esse tipo de circuito que vai haver no mercado”, enfatiza. Além disso, a docente – com experiência de nove anos à frente da Cia. Rústica de Teatro – diz que, ao viajar, os alunos percebem o alcance, a extensão do discurso artístico. “É contato com o público, com o pessoal que organiza os espetáculos. Também traz uma convivência entre as pessoas do grupo”, acrescenta. Por outro lado, Patrícia faz questão de apontar a dimensão social do projeto, já que as apresentações têm entrada franca: “Levam a Universidade para fora da universidade”.